**A MULHER NO SÉCULO XIX: DISCURSOS SOBRE MULHERES NO SÉCULO XIX[[1]](#footnote-1), NOS JORNAIS DOS MUNICÍPIOS DE VIGIA, SANTARÉM, CAMETÁ E ALENQUER.**

**Elizabete do Nascimento de JESUS - Universidade Federal do Pará[[2]](#footnote-2)**

**Netília Silva dos Anjos SEIXAS - Universidade Federal do Pará[[3]](#footnote-3)**

**RESUMO**

Este trabalho analisou os discursos sobre mulheres em jornais do interior do Pará no século XIX a partir da década de 1850 - período em que surgiu o primeiro periódico fora da capital, no município de Vigia - até 1900, tendo em vista eventos importantes que ocorreram nesse intervalo de tempo, nos planos nacional e regional. Os jornais analisados foram *O Espelho* (1878-1879), A *Cidade da Vigia* (1890-1896) e *O Liberal de Vigi*a (1877-1888), de Vigia; O *Tapajoense* (1855-1857) e *Baixo-Amazonas* (1872-1896), de Santarém; *A Reacção* (1886-1894) e *O Commercial* (1882-1901), de Cametá; e *Gazeta de Alenquer* (1883-1907), de Alenquer. Este estudo possui caráter exploratório, bibliográfico e documental, com consulta aos acervos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e da Sociedade Cinco de Agosto, de Vigia, Pará.

**Palavras-chave:** mulher; jornais do Pará; discursos; imprensa do século XIX.

**1. INTRODUÇÃO**

O século XIX é um período conhecido por significativas transformações econômicas e sociais no Brasil, ainda que esse processo tenha ocorrido de forma paulatina se comparado a outros países (Carvalho, 2002). Um marco importante para o desenvolvimento do país foi a chegada da imprensa junto com a família real portuguesa, em 1808, com a instauração da *Gazeta do Rio de Janeiro*, no Rio de Janeiro (Barbosa, 2010)*.* Apesar de estar sob o domínio da família real, a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi uma porta de entrada para a criação de novos impressos anos mais tarde, folhas essas que cederiam espaço para a reivindicação de direitos da sociedade, que muitas vezes iam contra a família real, e debates de pautas importantes para o país.

Apesar da implantação tardia da imprensa no Brasil, por questões econômicas e culturais (Barbosa, 2010), o jornal impresso foi fundamental não apenas para a disseminação de informação, ou formação de opinião pública para os leitores da época, mas também como um documento oficial de registros importantes que iriam acontecer nos anos seguintes que moldaram a política social do Brasil, como a Proclamação da Independência em 7 de setembro de 1822, a Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888 e, no ano seguinte, a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

No Pará, o primeiro jornal impresso chega em 1822, com a fundação do jornal *O Paraense*, idealizado por Filippe Alberto Patroni Martins Maciel Parente. Entretanto, em 1821 já circulava no Pará o jornal *Gazeta do Pará*, periódico que “[...] Divulgava a realidade político-social do Pará, marcada pela Regeneração Política do Pará, fato ocorrido em 1º de janeiro daquele ano e sua repercussão no Brasil e na Europa [...]” (Catálogo Jornais Paraoaras, 1985, p. 11).

Segundo o Catálogo Jornais Paraoaras (1985), em 1852 a imprensa se estende para o interior do Pará com o primeiro periódico impresso no município de Vigia, intitulado de *O Vigiense*. Em seguida, os municípios de Santarém, Óbidos e Cametá, respectivamente, foram os próximos a implantar a imprensa local.

Considerando que os periódicos eram o principal meio de comunicação no século XIX no Pará e abordavam no seu conteúdo, majoritariamente, denúncias, notícia local e de outros municípios, assuntos sobre problema estrutural e social da cidade (Seixas; Brígida, 2012), este estudo buscou identificar as publicações sobre as mulheres e abordar os discursos sobre elas em periódicos do interior do Pará na segunda metade do século XIX, a partir da década de 1850 - tendo em vista que nesse período houve a instauração do primeiro jornal impresso no interior da região - até 1900, levando em considerção os eventos que ocorreram nesse intervalo de tempo, tanto nacional, quanto regional. Para esta pesquisa foram observados os jornais *O Espelho (1878-1879)*, *A Cidade da Vigia* *(1890-1896)* e *O Liberal de Vigia* (1877-1888), da cidade de Vigia; *Tapajoense* *(1855-1857)* e *Baixo-Amazonas (1872-1896)*, de Santarém; *A Reacção (1886-1894)* e *O Commercial* (1882-1901), de Cametá; e *Gazeta de Alenquer* (1883-1907), do município de Alenquer.

A partir do objetivo principal, os seguintes objetivos específicos nortearam a pesquisa: 1) Em quais notícias mais apareciam mulheres? 2) Quais discursos usavam para se referir a elas?

A coleção dos jornais não está completa, portanto, a pesquisa foi realizada a partir dos dados encontrados nas edições que estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no acervo da Sociedade Cinco de Agosto, organizadas no Quadro 1.

**Quadro 1** - Edições analisadas dos jornais de Vigia, Santarém, Cametá e Alenquer, do século XIX.



**Fonte:** Elaboração pela autora do estudo a partir de informações da Sociedade Cinco de Agosto e Hemeroteca Digital/Fundação Biblioteca Nacional.

**1.1 OS JORNAIS ANALISADOS**

Os periódicos escolhidos para análise tiveram como critério principal pertencerem às primeiras cidades fora da capital a introduzirem os jornais impressos. São elas: Vigia, Santarém e Cametá. Apesar de Óbidos estar entre os primeiros municípios a ter imprensa na região, esses materiais não foram encontrados para análise. Por isso, Alenquer foi a quarta cidade escolhida para compor o *corpus*, pois o primeiro jornal a ser editado no local, o *Gazeta de Alenquer* (1883-1907),possuía o maior número de edições disponíveis para estudo. Esse foi outro critério para a composição do *corpus*: o periódico ter o maior número de edições disponíveis para consulta em acervos, referentes aos meses de maio, setembro e novembro, devido aos eventos nacionais que ocorreram nesses períodos.

O jornal *O Espelho* foi fundado em 1878 na cidade de Vigia e circulou até 1879. Tinha como diretores Manoel Epaminondas de Vasconcelos Palheta e Augusto Ramos Pinheiro. A primeira edição foi em 1º de setembro de 1878 e a última, em 6 de julho de 1879. O periódico era publicado semanalmente e apresentava-se como um jornal crítico e noticioso, o que deixou evidente na primeira coluna da primeira edição: “[...] O Espelho vem com efeito de exercer a crítica, mas a crítica justa e sensata, mesmo porque seus redatores sabem que ‘quem boa cama fizer nela se há de deitar’[...]” (*O Espelho*, n. 01, p.1).

De acordo com o Catálogo de Jornais Paraoaras (1985), o jornal *O Liberal da Vigia* circulou entre 1877-1888, com o primeiro número em 5 de janeiro de 1877, substituindo o jornal *O Liberal*, do mesmo município, Vigia. O impresso era publicado semanalmente e defendia ideias do Partido Liberal.

O periódico impresso *A Cidade da Vigia*, fundado em 1890, circulou até 1896. A primeira edição foi lançada em 1º de janeiro de 1890. Na edição 16 de 1890 apresentava-se como órgão do Partido Republicano e dizia ser publicado semanalmente e era redigido por Francisco de Moura Palha. Já na edição 18 de 1893 dizia ser publicado aos domingos e o redator chefe era o senador Moura Palha.

O jornal *Tapajoense* circulou entre 1855-1857 no município de Santarém, publicado aos sábados “ou mais vezes se convier receber correspondências ou outras publicações legalizadas”, como dizia o jornal. Não se apresentava pertencente a algum partido político específico e era de propriedade de Mendes e Guerreiro.

Segundo o Catálogo Jornais Paraoaras (1985), o jornal *Gazeta de Alenquer* foi o primeiro jornal da cidade de Alenquer, fundado e redigido por Fulgêncio Simões, publicado semanalmente. O jornal circulou entre 1883-1907. Na edição 55 de 1885, a mais recente encontrada desse período, o jornal não apresentava pertencer a nenhum partido político, já na edição 189 de 1890 se apresenta como “Órgão do Partido Republicano”.

**2. RESULTADOS ENCONTRADOS DA ANÁLISE DOS JORNAIS**

 Conforme destaca Gregolin (2009), os discursos da mídia não surgem de forma isolada, mas refletem o que está sendo dito em outras esferas da sociedade. Embora a afirmação da autora seja contemporânea, isso já podia ser observado nos periódicos que compõem este estudo. Em *O Espelho*, de 1 de setembro de 1878, um leitor escreveu ao jornal o seguinte recado para as moças da época: “Pede-se a certas e determinadas moças que tem por costume alterar discussões sobre os partidos políticos, que sejam mais comedidas em suas convicções, visto como a política não pertence às mulheres”. O pensamento desse leitor reflete como as mulheres eram vistas pela sociedade na época, subordinadas e passivas, sem direito de exercer um dos principais direitos da cidadania, o voto, que só seria concretizado no Brasil no século XX.

O papel social das mulheres no século XIX no Brasil estava destinado a ser uma boa mãe, uma boa filha e uma boa esposa. Simone de Beauvoir (2016) salienta que os homens eram vistos como “sujeitos” absolutos e soberanos, e as mulheres apenas como “outros”. O contexto político do Brasil no século XIX exemplifica o pensamento de Beauvoir, pois, no período oitocentista não havia participação de mulheres nas assembleias políticas, nas urnas. A política era um espaço totalmente masculino, logo, as decisões tomadas eram decididas pela burguesia conservadora e patriarcal, de acordo com seus interesses.

Das notícias analisadas foram encontrados 219 resultados de notícias envolvendo mulher, divididos em categorias de acordo com o tipo de enunciado feito pelo jornal, sendo elas: I) participação religiosa; II) mulheres envolvidas em crime; III) mulher violentada; IV) mulher da alta sociedade; V) mulher com profissão; VI) mulher estudante; VII) mulher que casou; VIII) ex-escravizada; IX) falecimento; X) mulher com problema de saúde; XI) escravizada.

As notícias que mais tiveram ocorrências foram de mulheres que haviam falecido, mulheres envolvidas em participação religiosa, mulheres que casaram e mulheres com alguma profissão. Houve um total de 57 mulheres falecidas nas notícias observadas. Na maioria dos casos o jornal não informou a causa das mortes, porém encontrou-se registro de mulheres que faleceram por motivos de doença e suicídio.

Foram encontradas 28 notícias de mulheres que casaram, todas elas casaram-se com homens da alta sociedade. É pertinente ressaltar que o casamento no século XIX era visto como uma moeda de troca, logo, era muito comum que a família preparasse as mulheres para um casamento com alguém que pertencesse a alta sociedade como forma de multiplicar seus bens. “Condenada ao papel do Outro, a mulher estava condenada também a possuir apenas uma força precária: escrava, ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino” (Beauvoir, 2016, p.97).

Encontrou-se também nos periódicos registro de 28 mulheres envolvidas em participação religiosa, como missa, batismo e organização de evento religioso. Apesar das regras rígidas de como uma mulher deveria se portar na época, a igreja era um dos poucos espaços em que a mulher exercia um papel social que não fosse dona de casa, permitindo-as que participassem de eventos sociais.

Houve registros de 26 mulheres com profissão e 8 mulheres estudantes. É importante ressaltar que as mulheres que tinham acesso à educação, majoritariamente, eram de famílias da alta sociedade e o ensino dado às mulheres oitocentistas não era para que elas pudessem ter uma boa carreira profissional, ou ter um pensamento crítico sobre a situação em que viviam, de subordinação, objetificação, mas que continuassem presas ao sistema patriarcal, diferente dos homens, “[...] que eram instruídos para desenvolver o intelecto, a educação feminina tinha como propósito principal preservar a pureza, em sua conotação sexual e assegurar um comportamento correto perante a sociedade[...]” (Floresta, 1985, p. 11).

A profissão que mais teve incidência foi a de professora, ocupação que reflete a extensão do papel das mulheres de dentro do lar, como cuidadoras e educadoras. Foram encontradas também mulheres médicas, atrizes, coronela, comandantes de navio, “sheriff” interina, criadas e costureiras. É interessante destacar que a profissão de médica, coronela, atriz, ou mulheres que atuaram em cargo militar são de mulheres fora do Brasil, não tendo sido encontrados registros de mulheres brasileiras, o que não é surpresa, levando em consideração o cenário em que viviam as mulheres brasileiras, no século XIX, privadas do acesso à educação e limitadas ao lar. Como salienta Angela Davis (2016, p. 44), “[...] mulher perfeita era retratada na imprensa, na nova literatura popular e até nos tribunais como a mãe perfeita. Seu lugar era em casa - nunca, é claro, na esfera política”.

 Na categoria mulheres da alta sociedade, foram identificadas 24 mulheres, mulheres essas que eram herdeiras ou casadas com políticos, advogados ou professores. Benetti (2010) afirma que as notícias carregam consigo, a partir de sua constituição textual, traços históricos e sociais. Essa afirmação se reflete claramente nas diferentes maneiras como o jornal abordava as mulheres da alta sociedade. A partir dessa categoria foi possível identificar quais mulheres pertenciam à alta sociedade e quais não pertenciam, pois, o discurso usado pelo periódico mudava. O jornal dirigia-se à mulher da classe alta por termos “D.” “Sra.” “Exma”. Já nas categorias “mulheres escravizadas”, foram identificadas 9 mulheres, e em “mulheres envolvidas em crimes”, encontradas 11. Nesses casos, era comum que o jornal se dirigisse à elas de maneira pouco respeitosa usando termos como “mulata”, “escrava”, “rapariga”, “a ré”, “a criminosa” acompanhado do seu primeiro nome apenas. É importante destacar que na categoria “mulher violentada” houve duas situações em que o jornal se dirigiu a duas mulheres pelos termos “exma.” “sra.” e “lady”: tratavam-se de mulheres estrangeiras, uma dos Estados Unidos (Nova York) e outra da Inglaterra.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das análises feitas nos periódicos foi possível observar que as notícias que mais envolviam mulheres eram nota de falecimento, participação religiosa, casamento e mulher com alguma profissão.

Conforme afirma Benetti (2010), os discursos são reflexos dos contextos socioculturais. A mudança de discurso ao se referir às mulheres da alta sociedade em comparação com aquelas que não pertencem à mesma classe social evidencia a hierarquia social enraizada na sociedade da época, reforçada pelo jornal. Enquanto as mulheres da elite eram tratadas com respeito e dignidade, as demais eram frequentemente desumanizadas e desvalorizadas, refletindo uma estrutura que não apenas perpetuava desigualdades de gênero, mas também reforçava as divisões de classe e raça.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo: estudo das vozes e sentidos**. *In*: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** 3 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010, p. 107-122.

JORNAIS PARAOARAS**: catálogo**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Os jornais paraenses nas décadas das mudanças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais** […]. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: encurtador.com.br/lvxIP. Acesso em: 15 jun. 2024.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**, tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

 FLORESTA, Nísia **Opúsculo humanitário / Nísia Floresta** ; prefácio Maria da Conceição Lima Alves ; notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares. – Brasília : Senado Federal, 2019.

GREGOLIN, M. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação Mídia e Consumo**, *[S. l.]*, v. 4, n. 11, p. 11–25, 2008. DOI: 10.18568/cmc.v4i11.105. Disponível em: https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/105. Acesso em: 25 jul. 2024.

O ESPELHO. **O Espelho.** 01 de set. 1878. Disponível em: <https://www.cincodeagosto.com.br/acervo-digital/jornais-diversos>

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Os meios de comunicação no Pará: entre memórias e sentidos. Projeto de pesquisa em andamento. Belém: UFPA, 2024.

1. Este estudo faz parte do projeto de pesquisa “Meios de comunicação no Pará em perspectiva histórica: entre memórias e sentidos”, desenvolvido na UFPA. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mini currículo dos autores: Graduanda, Comunicação, e-mail: eliza982004024@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. Doutora, Comunicação, e-mail netilia@uol.com.br. Coordenadora do projeto “Meios de comunicação no Pará em perspectiva histórica: entre memórias e sentidos” (UFPA). [↑](#footnote-ref-3)